

VERISSIMO



SEGUNDA-FEIRA
LUCIA GUMARAES
VANESSA BARBARA

TERÇA-FEIRA

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA
IGNACIO DE LOYOLA
BRANDAO
MILTON HATUUM

SÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
SERGIO AUGUSTO

DOMINGO
VERISSIMO
HUMBERTO WERNECK
FABIO PORCHAT

Choque

Uma vez o saxofonista Gerry Mulligan foi tocar em Porto Alegre e o adido cultural do consulado americano nos convidou para jantar com ele e a mulher depois da apresentação. Eu sabia tudo sobre Mulligan e sua carreira, desde o sucesso dos primeiros discos do quarteto sem piano, que formou com o trompetista Chet Baker nos anos 50. Eu sabia da sua vida extramusical, seus problemas com drogas e mulheres. Mas agora ele era um res-

peitável senhor de barbas brancas. E a longa sucessão de mulheres na sua vida - que incluía a atriz Judy Holliday - tinha acabado numa bela italiana chamada Franca, que conheceu durante a gravação do seu disco com o Astor Piazzolla, na Itália, e apostou que ficou com ele até o fim. Era evidente que a Franca tinha tudo dominado.

Fomos jantar com Mulligan, a mulher e o trio que o acompanhara no show no melhor restaurante de Porto Alegre, na época, cujo dono e maître

era uma figura controversa chamada "seu" Fridolino. Nascido no Brasil, ele tinha um sotaque alemão carregado. Muitos confundiam com rudeza o que era apenas humor germânico, já nem sempre se pode distinguir as duas coisas. Estávamos acostumados com seu jeito, e com o fato que em noites de muito movimento sua mulher, dona Frida, e sua equipe na cozinha não conseguiam dar conta. Mas a Franca não queria saber do folclore do lugar, queria alimentar o seu ho-

mem. E deu-se o choque de culturas. "Seu" Fridolino já expulsara gente do restaurante por menos do que o que ouviu da italiana, naquela noite. Por um momento, a mesa ficou suspensa, à beira de um incidente internacional. O adido americano e eu, representando nações neutras, ficamos calados. Mulligan nem tomara conhecimento do confronto que se armava e, durante a discussão, manteve a sua pose de patriarca viking. Aquela era a área de ação da sua mulher. "Seu" Fridolino deve ter se convencido que estava enfrentando uma leoa e que havia a real possibilidade de grandes estragos materiais no seu restaurante. Recuou. Ninguém foi expulso.

Dali a pouco, veio a comida. Ótima, como sempre. Acho que a Franca até elogiou. Alemanha e Itália, as forças do Eixo, estavam recompostas. Durante o jantar, me lembrei do que meu pai me contara uma vez. Num voo internacional, ele sentara ao lado do técnico Gentil Cardoso, que viajava com um time carioca, e passara o tempo todo tentando falar sobre futebol com ele - que insistia em só falar sobre literatura. Na minha conversa com Gerry Mulligan, tentei em vão saber notícias de alguns dos meus ídolos, como Zoot Sims, que tinham tocado com ele. Mulligan só queria falar sobre o García Márquez.

Visuais

Mostra é tributo aos 50 anos da op art

Museu da Casa Brasileira abre exposição e celebra aniversário do evento do MoMA que popularizou o movimento

Antonio Gonçalves Filho

Há 50 anos, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) abriu uma exposição, *The Responsive Eye*, cuja ressonância foi muito além do que imaginavam seus organizadores. Primeira exposição internacional de optical art (op art) de grande repercussão, ela reuniu alguns dos expoentes do movimento, que ganhou força nos anos 1950 graças ao empenho da galerista francesa Denise René (1913-2012). Em 1955, ela promoveu uma mostra para lançar os principais nomes da arte cinética, revelando artistas como o israelense Yaagov Agam e o venezuelano Cruz-Diez, dois dos nomes que estão na exposição *Op Art - Ilusões do Olhar*, que o Museu da Casa Brasileira abre hoje, às 19h30.

A mostra, um panorama sucinto do movimento, que extrapolou a dimensão pictórica para ganhar espaço no mundo da moda, do design e do cinema, tem como curadora Denise Mattar. Ela reuniu um pouco de todas essas manifestações, das pinturas de artistas ligados à vertente concreta e neoconcreta (Judith Lauand, Luiz Sacilotto, Fiamminghi, Lothar Charoux, Lygia Clark, Hélio Oiticica) a peças assinadas por designers como Alexandre Wollner, Almir Mavignier e Antonio Maluf, este último autor do cartaz da 1.ª Bienal Internacional de São Paulo. Em 1951, Maluf concebeu esse cartaz de caráter antecipatório, brincando com o ilusionismo característico dos trabalhos da op art, que transmitem ao es-

pectador uma impressão de movimento e instabilidade.

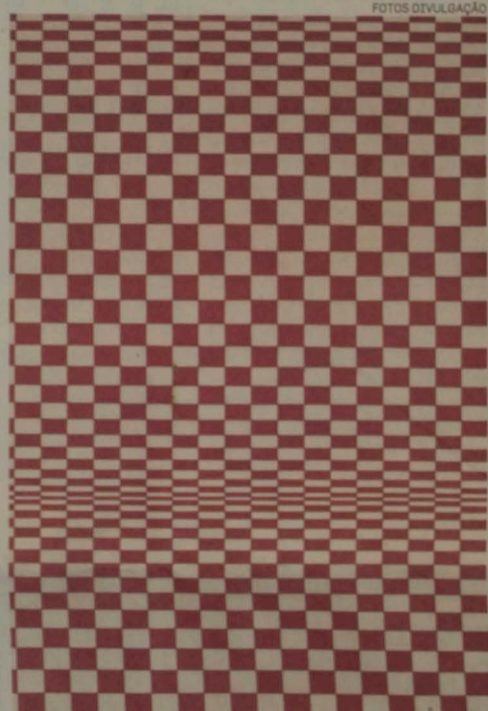
Curiosamente, a mostra, com expografia de Guilherme Isnard, terá um espaço interno no museu que será ocupado pela Fundação Oftalmológica Dr. Rubem Cunha para medir a acuidade visual de estudantes atendidos pelo serviço educativo da instituição. Justificável. O desconhecimento de problemas visuais "é um dos principais elementos responsáveis pela evasão escolar no Brasil", segundo o médico Marcelo Cunha, da fundação Rubem Cunha. Muitas crianças perdem o interesse nas aulas por dificuldades de visão.

Com mais de 200 itens, divididos em três módulos temáticos (design gráfico, mobiliário e objetos), a exposição *Op Art* abre com um óleo referencial do veterano pintor britânico Jeffrey Steele, *Baroque Experiment - Fred Maddox*, pintado entre 1961 e 1962, quando o artista só usava o preto e branco (ele incorporou a cor em seus trabalhos apenas nos anos 1970). Foi justamente essa obra a escolhida pela revista *Time*, em outubro de 1964, para ilustrar o texto que cunhou o termo op art. Steele, que participou com ela da mostra do MoMA, passou três meses em Nova York e, lembra a curadora Denise Mattar, foi tema de um dos primeiros filmes dirigidos por Brian de Palma, então um garoto de 24 anos, em 1964.

Todas as obras da exposição pertencem a colecionadores brasileiros. São peças de artistas de carreira internacional - como Lygia Clark, Oiticica e Mavignier. Há desde trabalhos his-



Redescoberta. Judith Lauand, que completa 93 anos, é homenageada



Sacilotto. Obra de 1975 representa o concreto

tóricos, feitos na fase embrionária do abstracionismo no Brasil - como um estudo (guache sobre cartão) de Mauricio Nogueira Lima, de 1951 - até obras mais recentes, como a do capixaba Hilal Sami Hi-lal, um sol estilizado (de 2013) cujos raios são feitos de metal cortado a laser. As obras neoconcretas de Oiticica (um metaesquema de 1957/58) e de Lygia Clark (uma superfície modulada de 1952) ainda nem eram assim chamadas, uma vez que o Manifesto Neoconcreto só seria assinado em

1959. Daí sua inclusão numa mostra de op art. Nelas, importa a impressão de movimento, não a relação com os princípios radicais do concretismo.

Uma ausência notável, por exemplo, é a da pintora inglesa Bridget Riley, referência máxima de Beatriz Milhazes. Os padrões geométricos de sua pintura ficaram tão populares que não tardaram a ser incorporados pela indústria de roupas - ela processou uma empresa americana por isso - e até pelo cinema. Numa das cenas da primeira versão de *Cassino Royale*,

além de Agam, Cruz-Diez ou Vasarely, mas o alto custo do seguro das obras de artistas referenciais da op art é desestimulante. Uma ausência notável, por exemplo, é a da pintora inglesa Bridget Riley, referência máxima de Beatriz Milhazes. Os padrões geométricos de sua pintura ficaram tão populares que não tardaram a ser incorporados pela indústria de roupas - ela processou uma empresa americana por isso - e até pelo cinema. Numa das cenas da primeira versão de *Cassino Royale*,

de 1967, James Bond é torturado pelo vilão Le Chiffre numa sala/cubo cujas paredes servem de tela para projeção das pinturas de Riley.

A curadora mandou confeccionar especialmente para a mostra uma réplica de um vestido "op" desenhado para a Rhodia, nos anos 1960, pelo artista neoconcreto Hércules Barsotti (1914-2010). Ao lado dele se encontram outras roupas vintage, óculos, sapatos e almofadas que usam padrões op, além de móveis. Um delírio visual.

OP ART - ILUSÕES DO OLHAR
Museu da Casa Brasileira. Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2.705, tel. 3032-3727. De 3ª a dom., das 10 h às 18 h. R\$ 6. Até 19/6.

Obras da Lava Jato são expostas em Curitiba

SEETHER
PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL
19 DE ABRIL
24 NÓS LÓJIS
ticketsforfun.com.br
audio
T4f
CLASSIFICAÇÃO: 14 ANOS. De 8 a 13 anos acompanhados dos pais ou responsáveis legais. Este evento requer autorizações específicas. Consulte o site ticketsforfun.com.br/alvaras e acompanhe a atualização sobre a expedição de alvarás relacionados ao evento.

Museu Oscar Niemeyer, que já recebeu três lotes desde maio, exhibe segunda leva de peças apreendidas durante a operação

Julio Cesar Lima
ESPECIAL PARA O ESTADO
CURITIBA

As obras apreendidas pela Polícia Federal na Operação Lava Jato estão sendo expostas no Museu Oscar Niemeyer MON, em Curitiba, desde terça-feira, 14. A instituição já recebeu três lotes de obras de maio de 2014 até março deste ano e abriga atualmente 203 peças. Quinze obras do primeiro lote já estão em exposição desde 17 de janeiro, junto com a coleção das últimas doações ao museu, na mostra *Acervo MON - Aquisições 2013/2014*.

A direção da instituição explica também que as obras passam por uma quarentena para



Vik Muniz. Painel estava na casa de envolvido na esquema

que os técnicos tenham certeza de que não há nenhuma contaminação por fungo ou bactéria, que podem deteriorar o acervo, e as obras ainda passam por uma catalogação e, se necessário, são encaminhadas para restauro.

O terceiro lote entregue em março deste ano, com 139

obras, está passando por esse procedimento padrão. Não existe, por enquanto, previsão de data para uma nova exposição desse último lote.

Conforme decisão judicial, o museu tem a guarda do material artístico até a decisão final das ações penais. Intitulada *Obras Sob Guarda do MON*, e

com 50 peças, esta será a segunda exposição relacionada à Operação Lava Jato. Segundo a direção do museu, a exposição reunirá 13 obras do primeiro lote entregue em maio e mais 35 unidades pertencentes ao segundo lote.

Obras apreendidas. Entre as obras, algumas delas em poder da doadora Nelmá Kodama e do ex-diretor da Petrobrás Renato Duque, estão três telas de Cicero Dias (1907-2003), a obra *Roda de Samba*, do carioca Heitor dos Prazeres (1898-1966) e sete fotografias de Miguel Rio Branco.

Também há duas telas de Sergio Sister, uma acrílica sobre madeira de Nelson Leirner, *Homenagem a Mondrian*, e mais dois painéis de Vik Muniz. Além disso, há trabalhos de grandes mestres como Di Cavalcanti, Iberê Camargo, Aldemir Martins, Claudio Tozzi, Daniel Senise, Amílcar de Castro e Carlos Vergara.

As obras estão sob guarda do Museu Oscar Niemeyer até a decisão definitiva da Justiça Federal e vão ficar expostas até o dia 12 de julho, na sala 2. Os ingressos custam R\$ 6 e R\$ 3 (meia-entrada) e o horário de visitação é de terça-feira a domingo, das 10 h às 18 h.